

A FLÂNERIE E A ÉPOCHE COMO POSSIBILIDADE EM GEOGRAFIA HUMANISTA

Luiz Tiago de Paula
FCA-Unicamp
luiztiago.paula@gmail.com

Um dos desafios que tem me acompanhado em relação aos trabalhos do grupo de Geografia Humanista e Cultural diz respeito às atividades empíricas da prática de campo. O cuidado com a abordagem fenomenológica coloca a ideia de experiência como um potente elemento que permite compreender o fenômeno “visado” ou que “se-mostra-em-si-mesmo” *in locus*. Este trabalho se trata de uma continuação daquele que apresentei no último encontro (V SEGHUM), em Ilhéus, quando procurei apresentar as tendências, influências e semelhanças da Fenomenologia e Geografia Humanista aos trabalhos de autores remanescentes da Escola de Sociologia de Chicago. Neste ano, proponho investigar um ponto que me parece essencial às pesquisas fenomenológicas de campo, a ideia de *flâneur*. Esse termo foi amplamente utilizado por Charles Baudelaire, Walter Benjamim e Guy Debord (criador da teoria da Deriva) para designar uma pessoa que anda pela cidade, sem destino pré-definido, para investigá-la a partir da própria experiência. Há muitos pontos em comum dessa prática e dos trabalhos de campo que se baseiam em uma *époche*. Entendo que identificar diálogos entre a *flânerie* (termo usado para indicar a prática *flâneur*) e os métodos que o grupo tem desenvolvido para o trabalho de campo pode potencializar essa atividade tão rica da nossa busca por uma geografia do mundo-vivido.

Palavras-chave: trabalho de campo, flâneur, *époche*.